

[FAUSTO VIANA | ROSANE MUNIZ]

Fausto Viana é figurinista, cenógrafo e pesquisador. É mestre, doutor e livre-docente pela ECA-USP e anda pelo mundo unindo duas paixões: a indumentária e a museologia. Autor do livro *O figurino teatral e as renovações do século XX* (Estação das Letras e Cores, 2010). Visite o blog: tramasdocafecomleite.wordpress.com
E-mail: faustoviana@uol.com.br

Rosane Muniz é jornalista, atriz e pesquisadora. Autora do livro *Vestindo os nus – o figurino em cena* (Senac Rio, 2004) e mestra em Artes Cênicas (ECA-USP), mantém o blog www.vestindoacena.com
E-mail: romuniz@gmail.com



Chapetuba Futebol Clube,
de Oduvaldo Vianna Filho,
direção de Augusto Boal.
Teatro de Arena, 1959.

Fonte: LIMA, M. M. A. de (Org.).
Imagens do teatro paulista.
São Paulo: Imesp/CCSP, 1985.

Não, você não está entendendo! Nossa coluna de figurino futebolístico é mais séria do que você pode supor. Vamos te ajudar no entendimento do caminho das traves e aumentar a sua capacidade de entender que:

A chuteira veste o pé descalço
O tapete da realeza é verde
Olhando para bola eu vejo o sol
Está rolando agora, é uma partida
de futebol!¹

De quebra, entenda que "figurino de futebol" está ligado (ou não) a muitas coisas: poder, fama, atração, dinheiro, sexo, fetiche, masculinidade e paixão. Claro, paixão é o mote principal para se entender um jogo em que 22 seres humanos (perceberam a sutileza? Podem ser homens ou mulheres) se enfrentam dentro do campo, mais umas dúzias nos bastidores e milhares nas arquibancadas e nas TVs de 15, 21, 24, 42 ou mais polegadas.



Salmo 91, de Dib Carneiro Neto,
direção de Gabriel Villela, 2007.

Foto: João Caldas

Se você quer os aspectos negativos do futebol, vá lá: suor, sujeira, homens fora de casa bebendo com os amigos e falando bobagem... Mas a gente aproveita o gancho: o uniforme de futebol é "ator principal" nos comerciais de sabão em pó, desde os que proclamam o direito de se sujar até os que removem as manchas mais difíceis. Deste exemplo, raso e oportunista, virão outros mais nobres e clássicos!

Nós respeitamos você que acha que futebol é uma bobagem, o ópio do povo e tal, mas temos que alertar que sua luta é ingloria, pelo menos neste momento. Futebol é uma diversão popular e faz parte da nossa cultura, quer você queira, quer não. O maestro Kleber Mazziero de Souza, que escreve livros sobre futebol, além de reger musicais e peças de teatro, esclarece que:

O futebol é muito mais do que um esporte, do que o esporte nacional, do que o esporte mais apreciado ao redor de todo o mundo. O futebol é uma parte fundamental da cultura brasileira. O futebol, o samba e a roça são os mais nítidos talentos do povo brasileiro. É preciso, urgentemente, encarar o futebol como parte preciosa da cultura do Brasil. É preciso cultivar, cultivar, o futebol. No entanto, mais do que isso, o futebol é um jogo. Um jogo que reflete a vida. É como eu digo nos sambas: o jogo da bola é igual ao jogo da vida. É preciso enfrentar a vida como uma partida de futebol.²

[31]

Como se vê, o (eventual) exagero não faz parte só dos torcedores fanáticos que frequentam os campos de futebol. Faz parte da intelectualidade também, em vários níveis.

Entrando no universo do teatro, se você prefere um dramaturgo mais popular, ou maldito mesmo, escolha para sua leitura a peça *Quando as máquinas param*, de Plínio Marcos. Zé é um operário fanático por futebol, casado com Nina, que costura para fora. É dos retalhos da vida cotidiana que se alimenta a peça ao fazer o cruzamento do amor com o desemprego sofrido por Zé. Tony Ramos estava na re-estrela de 1971 (a estreia oficial foi em 1967, no TBC) empunhando a bandeira do Corinthians no palco, curiosamente, do teatro do Sindicato dos Têxteis. Os detalhes cênicos compostos pela cenógrafa Ciça Modesto na remontagem de 2000 juntam retalhos recolhidos nas portas de fábricas da Mooca para formar um retrato fiel do Brasil. Está aí novamente o têxtil dando "calor" a um torcedor de... futebol!

Tá bom, Plínio queria ser jogador e chegou até a jogar no juvenil da Portuguesa Santista, no Jabaquara. Mais tarde, entrou, inclusive, para a Aeronáutica, seduzido pela ideia de jogar no time de lá. Mas foi como palhaço que começou sua vida profissional. Tudo porque queria namorar uma moça do circo. Mas como o pai só a deixava namorar com gente da lona, então... Plínio Marcos entrou para o circo!

E eis que, depois de uma grande reforma do espaço símbolo de peças polêmicas nas décadas de 1950 e 1960, é com a peça *Chapetuba Futebol Clube*, de Oduvaldo Vianna Filho, que o Teatro de Arena é reinaugurado em 2009 e se torna palco da luta do pequeno time do interior ao alcance da primeira divisão contra jogadores e empresários corruptos. Assunto comum na época da estreia, em 1959, o diretor José Renato revela as atrocidades do cotidiano de uma sociedade por meio do universo do futebol e mostra como o tema continua tão atual. Desta vez, o profundo sentimento humano de cada personagem se revela nos figurinos (e uniformes) de J. C. Serroni e Telumi Helen.

Ah, não se contentou? Que a escolha recaia, então, sobre nosso maior dramaturgo, Nelson Rodrigues. Pois bem... além de escrever grandes peças de teatro, trabalhava na redação do jornal *O Globo* escrevendo sobre... futebol! Suas crônicas editadas, *À sombra das chuteiras imortais*, trazem relatos apaixonantes de suas obsessões: "o heroísmo e o medo, a multidão e o indivíduo, a vida e a morte"³. E tudo isso com muito humor e, às vezes, também com ironia... No texto *Um Fluminense tão Flaubert*, Nelson compara o escritor mineiro Otto Lara Resende a um estilista, pela formalidade de seus personagens, que sempre se sentam "à mesa".

(...) Otto é uma coisa que não sei, francamente não sei, se compromete ou se consagra um estilista. Ninguém mais divino torturado. Por vezes uma frase lhe custa arrancos de cachorro atropelado. Outro dia o Hélio Pellegrino soprou-lhe a sugestão: "Não seja tão Flaubert de Salambô!" (...)

Agora a relação do Otto com o Fluminense. Domingo passado, durante os primeiros vinte minutos, o Fluminense foi um Otto, foi um estilista. Mas no futebol, como na literatura, convém não caprichar demais. Enquanto o Fluminense foi perfeito, não fez gol nenhum. Tudo certo, exato, irretocável, como a redação do Otto. No meu canto, eu via a hora em que perderíamos mais um ponto fatal. E vem a grande verdade: a obra-prima, no futebol e na arte, tem de ser imperfeita. A partir do momento em que o Fluminense deixou de ser tão estilista, tão Flaubert, os gols começaram a jorrar aos borbotões. (RODRIGUES, 1993, p. 100-101)

Mas assim como ele levou muito de teatro para as crônicas de futebol, o inverso ocorreu de monte! Na peça *A falecida*, toda a angústia termina no... Maracanã!!! Com Tuninho aos gritos: "Casaca! Casaca! A turma é mesmo boa! É mesmo da fuzarca! Vasssssco!".

[32]

A escolha pelo tema futebol também encanta os mais contemporâneos. Gabriel Villela, em 2004, montou o texto de Nelson e disse que seu trabalho em *A falecida* foi baseado em "temas mais populares como o futebol. Esse esporte que é a grande paixão nacional aliado ao jogo de bilhar. (...) Fui buscar na relação com o futebol os signos desses jogos tão populares em qualquer parte do País". Todos os atores ensaiavam com chuteiras, "para construir no palco uma dinâmica diferente do caminhar, como se as chuteiras fossem mais um objeto cênico. Como o futebol tem um pouco da tragédia, de aflição e de falência, todos esses contextos estarão presentes em cena"⁴. E mais uma vez está lá, de fundo: no outro espetáculo que Villela dirigiu, *Salmo 91*, como aquecimento para iniciar a peça, os atores jogavam... futebol! Assim como os detentos faziam na final do campeonato no Pavilhão 9, e que até pode ter sido o estopim para o início do grande massacre que viria a acontecer no Carandiru.

A diretora Bia Lessa também explorou o tema em *Futebol*, de Alberto Renault, em 1994, no Teatro do Sesi. Na montagem, Zeca Camargo – ídolo teen da MTV, na época – aparecia desnudo. A personagem dele era um padre, incomodado com a confusão a respeito do esporte, que, de repente, entra sem roupa em cena e se veste para a cerimônia na frente do público, em uma cena em que está se preparando para uma missa. Muito barulho por nada...

Recentemente, estive em cartaz o espetáculo *Nos campos de Piratininga*, de Renata Pallottini e Graça Berman, que contava a história de São Paulo e do futebol. Mais uma vez um texto sobre futebol é escolhido para ocupar uma data comemorativa: os 20 anos do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Mas em vez de a representação se dar nesse local considerado nobre, se dá em um tradicional teatro público – Teatro João Caetano, na Vila Mariana. O diretor do CCBB revela que: "A iniciativa vem ao encontro das ações da Instituição no experimento de novas formas de apoio e parcerias que visam a sua expansão física e, principalmente, a sua atuação no papel de **democratização da cultura e da arte na cidade**"⁵ (grifo nosso). A narrativa que parte da época de Charles Miller e chega à atualidade, priorizando histórias do Corinthians, Palmeiras e São Paulo, é escolhida para estimular a convivência pacífica entre torcedores. Os cenários, figurinos e adereços criados por Luis Carlos Rossi trazem não só os uniformes, mas também os times com suas agremiações na avenida do samba. E sabe como o público deveria fazer para pagar mais barato a entrada? Ir ao teatro vestido com a camiseta de um clube de futebol!

Mas não é só no teatro que o traje aparece. Nas novelas é assunto recorrente, quer como tema paralelo, quer como principal. Quem lembra da novela *Vereda tropical*, com Nuno Leal Maia e Mario Gomes como jogadores de futebol?

No cinema? Só para citar um caso inusitado, no filme *A Chorus Line* um dos "candidatos reprovados" no teste da Broadway veste uma camisa do Flamengo!

E não é só aqui, mas no exterior, está lá o futebol... Pelé participou do filme *Victory*, com direção de John Huston, em 1981, ao lado de Michael Caine e Sylvester Stallone, para mostrar um jogo de futebol organizado por oficiais nazistas entre um time de jogadores alemães e um time formado por prisioneiros aliados. E lá está novamente o uniforme em várias versões, estéticas e políticas.

É, não há como fugir. Ainda mais com o reforço dado por Bertolt Brecht, o encenador alemão, que disse "o futebol é a mais fecunda forma de arte do século XX"⁶, não sem sentir angústia por isso. Da mesma forma, o nosso José Celso Martinez Corrêa, do Teatro Oficina, proclamou a importância do fazer teatral: "Nosso ritual diário de comunhão com o público ainda vai ser percebido como ouro, uma coisa rara e um luxo, pois o nosso teatro é apontado para o futuro, com ambição utópica de que a arte, como o futebol, seja o esporte das multidões"⁷.

Para provar que somos democráticos, a bibliografia desta coluna vai não para complementar este texto, mas para oferecer alternativas de leituras àqueles que, de maneira ainda ingloria, querem tomar o controle remoto das mãos do(a) companheiro(a) que deseja assistir ao futebol ou ir ao estádio.

NOTAS

^[1] Trecho da canção *É uma partida de futebol*, gravada pelo grupo Skank, com letra de Samuel Rosa e Nando Reis.

^[2] Disponível em: <<http://www.klebermazziero.com.br/kleberm/page1001.aspx>>. Acesso em: 12 maio 2010.

^[3] RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 5.

^[4] Disponível em: <http://www.oteatrodadelicadeza.blogspot.com.br/2006_12_01_archive.html>. Acesso em: 12 maio 2010.

^[5] Disponível em: <<http://pingado.terra.com.br/noticias/27207/teatro/futebol-no-palco-nos-campos-de-piratininga-estreia-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 12 maio 2010.

^[6] A declaração de Brecht foi citada por Fernando Souza. Disponível em: <<http://oficinadeteatro.com/conteudotextos-pecas-etc/artigos-diversos/240-o-teatro-e-o-futebol>>. Acesso em: 12 maio 2010.

^[7] Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/teatrooficina/velhosite/oficina/oficina.htm>>. Acesso em: 12 maio 2010.

BIBLIOGRAFIA (na ordem em que deve ser lida)

MARQUEZ, Gabriel Garcia. *Cem anos de solidão*. São Paulo: Record, 2009.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Memorial do convento*. Lisboa: Editorial Caminho, 1982.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: obra completa*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HOMERO. *Odisseia*. Porto Alegre: L&PM, 2007. 3 v.

PRADO, Décio de Almeida. *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.